

MARROCOS: «CONTRA A PILHAGEM DAS RIQUEZAS E O EMPOBRECIMENTO DA POPULAÇÃO»

As autoridades de Rabat continuam a seguir o caminho da repressão para tentar aliviar a tensão social que se tem vindo a acumular na sociedade marroquina nos últimos anos.

As reacções às sentenças a que a justiça marroquina condenou 53 das figuras mais destacadas do movimento do Rif (o *Hirak al Shaabi*) — com penas que chegaram aos 20 anos de cadeia e sem absolvições — não se restringiram a esta região do norte do país. Ocorreram manifestações, com grande adesão popular — «vários milhares de pessoas» segundo a agência noticiosa EFE — noutros pontos do país entre os quais Casablanca e Rabat, originando novas detenções e mais uma morte, Imad Attabi.



Fig. 1: Tensão social em Marrocos

O regime tentou jogar em vários tabuleiros. Por um lado tentou legitimar e valorizar o processo judicial, afirmando as alternativas de recurso de que os condenados usufruíam ou disponibilizando-se para a aprovação parlamentar de uma amnistia, ainda que parcial. Procura assim retirar o confronto da rua — onde não o pode esconder — e encaminhá-lo para um terreno que controla em absoluto e onde o risco de ser surpreendido é praticamente nulo. Por outro lado procurou chamar a atenção para as “obras de desenvolvimento” de que a região do Rif tem vindo a ser objecto nos últimos meses. Isto é, desde que começaram os confrontos em resultado da morte do vendedor ambulante Mouhcine Fikri em Outubro de 2016.

Estes movimentos de protesto, porém, como já aqui falámos, não são um caso isolado. Vêm associar-se ao boicote popular lançado em finais de Abril a produtos de consumo comercializados pelos grandes consórcios franco-marroquinos. Os produtos objecto do boicote são os lacticínios comercializados pela *Société Centrale Laitière*, filial da multinacional francesa *Danone*, a água mineral *Sidi Ali* comercializada pela sociedade das águas *Oulmès*, pertencente ao grupo *Holmarcom* da família Bensaleh, e os combustíveis da *Afriquia* pertencente ao grupo *Akwa* da família Akhannouch. Como escreve a ATTAC-Marrocos, «com determinação e criatividade o povo marroquino resiste aos grandes grupos capitalistas locais e internacionais que pilham as riquezas do país e empobrecem a população». E mais à frente, «o seu verdadeiro objectivo [dos investimentos do Estado] é garantir o crescimento da fortuna de algumas centenas de famílias burguesas historicamente conhecidas em Marrocos no campo dos negócios, que controlam o aparelho estatal e os seus recursos e aproveitam a oportunidade para se apropriar de todos

os sectores rentáveis do país e saquear as suas riquezas. (...). Hoje estão empenhadas na conquista da África subsariana».

A ATTAC termina a sua leitura da actual realidade marroquina convidando a população: «as multinacionais que saqueiam as nossas riquezas e destroem o nosso meio ambiente exigem uma campanha popular contra a sua impunidade».

«A campanha internacional contra a impunidade das multinacionais deve cruzar-se com a de boicote, desinvestimento e sanções (BDS) contra Israel, que também tem muitas empresas em Marrocos.

«Hoje, diante dos governantes que concentram as decisões económicas e políticas e violam os interesses da maioria, a desobediência e os boicotes aos seus produtos tornam-se um dever nacional!

«Diante da sua cumplicidade e aliança com os nossos antigos e novos colonizadores para saquear e explorar os nossos recursos, a desobediência e o boicote aos seus produtos tornam-se um dever nacional!

«Confrontados com o racismo dos governantes contra a esmagadora maioria do nosso povo, o seu desprezo pela sua cultura de resistência e solidariedade, a sua promoção da dominação cultural colonial, especialmente francesa, que não cessou desde a independência formal do nosso país, a desobediência e boicote aos seus produtos torna-se um dever nacional!»